

Barcos com rodas em procissões e cortejos e batalhas com fortalezas. Tradições Medievais que perduraram no Brasil

Carlos Francisco Moura

Câmara Cascudo, comentando a tradição de uma barca empavesada, puxada pelos fiéis, com a imagem ou o mastro votivo, na festa de S. Benedito, no estado do Espírito Santo, comenta “essa barca de rodas, levada triunfalmente pelos devotos, é uma reminiscência típica de cultos desaparecidos de origem asiática”. E cita como exemplos, o carro em forma de nave, de Isis Pelagia ou Fária, no Egito, e o carro panatenáico, com mastro e verga com o *peplum* da deusa Atenas, nas procissões das grandes Panatenéias, em Atenas¹.

Cirlot no *Dicionário de Símbolos*, diz que o barco era objeto de culto na Mesopotâmia, Egito, Creta e Escandinávia, e sugere uma curiosa etimologia para a palavra *carneval*: *carrus navalis*. Na *Gesta abbatum Trudonensium*, acrescenta, se relata que, em 1133, um lavrador de Indem fez construir em barco com rodas, e com ele percorreu várias regiões, sendo recebido com festas nos locais por onde passava².

As origens evidentes dessas tradições do Brasil remontam à Idade Média Portuguesa.

Em Portugal

A procissão de *Corpus Christi*, instituída pelo papa Urbano IV em 1264, tornou-se o mais grandioso préstito português. Segundo alguns autores, começou a ser realizada no país nos últimos anos do reinado de D. Afonso III, que faleceu em 1279. A partir do reinado de D. João I (1385-1438) passou a contar com representações das corporações dos oficiais mecânicos, cada uma com participantes vestidos a caráter personificando figuras bíblicas, mitológicas ou alegóricas, com bandeiras, símbolos e emblemas. E embarcações eram conduzidas pelas corporações ligadas à construção naval e às fainas marítimas.

O *Livro dos Pregos*, da Câmara Municipal de Lisboa, informa que os carpinteiros da ribeira e os calafates conduziam “a nau e a galé”. Várias outras corporações conduziam “castelos”: os correeiros, 12, os curtidores, 14, os tosadores, 12. Os alfaiates iam “com a torre e a serpe”, e os tanoeiros com outra torre³.

O *Acordo e Regimento* para a procissão na cidade do Porto, aprovado por alvará de 15/07/1620, prescreve: “Irá a Nao de São Pedro, com bandeira da Confraria, que acompanharão os Mestres Pilotos, Mariantes de Miragaya, com suas tochas”, e acrescenta: “a Nao se pintará, e reformará cada anno”⁴.

Naus e mareantes entraram para a cena quando o teatro português ainda engatinhava.

Nos grandiosos festejos promovidos por D. João II em Évora para solenizar o casamento do herdeiro D. Afonso com a Infanta Isabel, filha dos Reis Católicos, foram encenados *momos* e *entremezes*, nos quais figuraram batéis, naus e mareantes. Garcia de Resende na *Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rei Dom Ioam II, de Gloriosa Memoria* descreve-os em pormenor.

¹ Luís de Câmara Cascudo, *Dicionário do Folclore Brasileiro*, pp. 144/5.

² Jean-Eduardo Cirlot, *Dicionário de Símbolos*, p. 106

³ J. Ribeiro Guimarães, *Sumário de Vária História*, v. IV, pp. 40/41.

⁴ *Idem, ibidem*, p.14.

No primeiro dia das oitavas do Natal de 1490 foram ultimados os preparativos. No dia seguinte começaram as representações, e, com uma cenografia que representava o mar, entraram em cena nove batéis grandes, e depois “uma nau à vela, coisa espantosa, com muitos homens dentro, e muitas bombardas, sem ninguém ver o artifício como andava, que era cousa maravilhosa”.

“Antre os quaes el Rey entrou primeiro para desafiar a justa, que auia de manter com inuenção, e nome de caualleiro do Cirne, e veio com tanta riqueza, e galantaria, quanta no mundo podia ser. Entrou pollas portas da sala com noue bateis grandes, em cada hum seu manteedor, e os bateis metidos em ondas do mar feytas de pano de linho, e pintadas de maneira que parecia agoa. Com grande estrondo de artelharia que tiraua, e trombetas, atabales, e menistres altos que tangião, e com muytos gritos, e alvoroços de mestres, contramestres, e marinheiros, vestidos de brocados, e sedas com trajos dalemães, e os bateis cheyos de tochas, e muytas velas douradas acesas, com toldos de brocado, e muytas e ricas bandeyras. E, assi vinha hua nao á vella, cousa espantosa, com muytos homens dentro, e muytas bombardas, sem ninguem ver o arteficio como andaua, que era cousa marauilhosa”⁵.

Uma fortaleza foi construída para os festejos: “El Rei com oito mantedores manteve a Tea em uma fortaleza de madeira singularmente feita, onde todos estavam de dia e de noite”⁶.

Na *Miscelânea*, Garcia de Resende volta a referir-se aos batéis e à nau que entraram em cena.

“E que sala da madeyra
que ficara por memoria,
real em tanta maneira,
de perfeições tam inteira,
de tanta mundana gloria?
touros inteiros assados,
nao, batés apendoados
por ingenho nella entrauão,
entremeses que espantauão,
huns ydos, outros entrados.”⁷

Rui de Pina na *Cronica de El Rei D. João II*, descrevendo as mesmas festas, menciona “uma grande frota de grandes naus”.

“E aa terça feira logo seguinte, ouve na salla da madeira, excellentes, e mui ricos momos, antre os quaes ElRey pera desafiar a Justa, que avia de manteer, veeo o primeiro momo, envencionado Cavaleiro do Cirne com muita riqueza, graça, e gentileza, porque entrou pelas portas da salla com hua grande frota de grandes naos, metidas en panos pintados de bravas, e naturaes ondas do mar, com grande estrondo d’artelharias que jogavam, e trombetas, e ataballes, e manistrees que tangiam, com desvairadas gritas, e alvoroços d’apitos, de fengidos Mestres, Pillotos e Mareantes vestidos de brocados, e sedas, e verdadeiros, e ricos trajos d’Alemães. Os toldos das naaos eram de brocado, e as vellas de tafeta branco, e roxo, e a cordalha d’ouro, e seda, povoado, e cheo tudo de vellas, e candeas douradas acesas. As bandeiras quadradas de baixo, e os Estandartes das Gaveas eram das Armas

⁵ Garcia de Rezende, *Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rei Dom Ioam II, de Gloriosa Memória*, p.178.

⁶ o.c.

⁷ Garcia de Resende, *Miscellanea*, p.340.

d'ElRey, e da Princesa; vynha diante da frota sobre agoa hu grande, e fermoso Cirne com as penas brancas, e douradas, e apos elle na proa da primeira naao vynha o seu Cavaleiro guiado delle (...).”⁸

Nas representações e *momos* dos festejos de Natal de 1500 na corte do rei D. Manuel figurou um “bergantim artificialmente feito”, como se lê na carta datada de 25 de dezembro enviada aos Reis Católicos pelo embaixador Ochoa Ysasaga.

“Depois disso vieram oito romeiros que iam a Santiago, com seus bordões e conchas, num bergantim artificialmente feito, e, chegando à porta da sala, desembarcaram e um, em nome de todos, entregou a el rei um escrito (...).”⁹

Na *Tragicomédia da Nau d'Amores*, de Gil Vicente, representada em Lisboa em 1527, mareantes e uma nau entram em cena.

“Foi posta no serão, onde se esta obra representou, u'a Nau da grandura de um batel, aparelhada de todo o necessário pera navegar, e os Fidalgos do Príncipe tiraram suas capas e ficaram em calções e gibões de brocado, como carafates; os quais começam a carefetar a Nau com escoparos e maçanetas douradas, que para isso levavam, ao som desta cantiga:”¹⁰

Uma galera aparelhada como um galeão da Índia entrou em cena na *Real Tragicomédia del Descubrimiento y Conquista del Oriente*, grandiosa peça do pe. Antônio de Sousa representada pelos alunos dos jesuítas perante Filipe III, em agosto de 1619, em Lisboa.

“(...) uma galera de mais de trinta palmos de popa a proa, com toda a cordoalha e enxárcias, que soe levar um galeão da Índia, perfeita e acabada, que até a sineta levava; assim levava dez peças de bronze, quatro por banda, e duas na proa, que no palco se dispararam, fazendo salva a sua Majestade e Alteza”¹¹.

Na procissão cívica realizada em 10 de junho de 1880 em Lisboa em comemoração ao centenário de Camões, desfilou um galeão português do século XVI puxado por cavalos; houve também carros do Comércio e Indústria, das Colônias, da Arte, Militar, dos Estudantes, da Infantaria e Cavalaria, e da Imprensa¹².

No Brasil

O costume de meter naus em procissões, cortejos, autos populares e peças teatrais, documentado em Portugal desde o século XV, também migrou para o Brasil.

Em 1584, no dia 21 de outubro, em comemoração às Onze Mil Virgens, informa Fernão Cardim, houve grande festa no Colégio da Bahia.

⁸ Rui de Pina, *Crônica de El Rei D. João II*, p.129.

⁹ Luiz Francisco Rebello, *O primitivo teatro português*, p.99.

¹⁰ Gil Vicente, *Copilaçam de todas as Obras de Gil Vicente*, v.II, p.121.

¹¹ Teófilo Braga, *História do Teatro Português – Teatro Clássico nos Séculos XVI e XVII*, p.168.

¹² Albino Forjaz de Sampaio, *História Ilustrada da Literatura Portuguesa*, v. 2, p. 351.

“E ela acabada, se ordenou a procissão dos estudantes, aonde levámos debaixo do pálio três cabeças das Onze mil virgens (...). Saiu na procissão uma nau à vela por terra, mui formosa, toda embandeirada, cheia de estudantes, e dentro nela iam as Onze mil virgens ricamente vestidas, celebrando seu triunfo.”¹³

Além da representação do triunfo das virgens dentro da nau, outros atores, de fora, personificando a cidade do Salvador, o Colégio dos Jesuítas e anjos, participaram do espetáculo. “De algumas janelas falaram a cidade, colégio, e uns anjos todos mui ricamente vestidos.”¹⁴

Houve os tiros de praxe, fogos de artifício, danças e outras representações.

“Da nau se dispararam alguns tiros d’arcabuzes, e o dia d’antes houve muitas invenções de fogo, na procissão houve danças, e outras invenções devotas e curiosas.”¹⁵

Proseguiu, depois, a representação a bordo da nau, concluindo o verdadeiro auto com grande efeito cenográfico.

“À tarde se celebrou o martírio dentro na mesma nau, desceu uma núvem dos Céus, e os mesmos anjos lhe fizeram um devoto enterramento; a obra foi devota e alegre, concorreu toda a cidade por haver jubileu e pregação.”¹⁶

A *Carta Anua* de 1584 informa que a nau tinha oito rodas de madeira ocultas¹⁷.

Dos festejos realizados em 1763 no Rio de Janeiro, em comemoração ao nascimento de D. José, primogênito de D. Maria I, constaram corrida de touros, escaramuças, argolinhas, alcanzias e canas, danças de ciganos, dos *cajadinhos* com gaitas de fole e dos Cavaleiros Teutônicos. Houve ainda índios caçando, pardos e congos, desfile dos carros dos alfaiates, carpinteiros, pedreiros, marceneiros e sapateiros. E terminaram os festejos “com um castelo e navio de fogo que arderam”¹⁸.

Luís Edmundo, no livro *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis (1763-1808)*, descreve as festas do Espírito Santo na cidade, que terminavam com números de “pirotécnica simbólica e divertida”, e o combate entre a fortaleza e barcos, que ora chama de fragatas, ora de naus.

“Como último número dessa fantasiosa luminária, após saraivada vistosíssima de rojões, vinha sempre o combate da fortaleza com as fragatas. Ao meio ficava o forte, tendo uma nau de guerra de cada lado. O número, apesar de velho, interessava sempre. Fazia-se mister que a fortaleza ganhasse e as fragatas perdessem a incruentíssima batalha, que se travava. Rompia o inominável bombardeio entre *évohés* e palmas. Em dado momento, as naus, menos por falta de intrepidez que de pólvora, cessavam o fogo. Era a derrota confessada. Dominando o campo da luta, a fortaleza, no delírio da vitória, então salvava em direção ao povo, que recebia os chamuscos e aplaudia satisfeito”¹⁹.

¹³ Fernão Cardim, *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, p.297.

¹⁴ *Idem, ibidem*, p.297.

¹⁵ *Idem, ibidem*, p.297.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p.297.

¹⁷ Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. II, p. 609.

¹⁸ Vieira Fazenda, *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro*, v.1, p.127.

¹⁹ Luís Edmundo, *O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis (1763 — 1808)*, p. 219.

Por fim, mediante um dispositivo, “o quadro que representava o forte, caía, deixando ver, em vez de um reduto de guerra, a imagem suavíssima de uma pomba, a do Divino Espírito Santo, de asa queda, de bico aberto, fulgindo entre luzes de várias cores”¹⁹.

Mais de três séculos depois das representações de Évora, na Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, Mato Grosso, em pleno coração da América do Sul, a mais de 3.600 quilômetros do mar pela rota das monções, vamos encontrar um navio participando de festejos e representações.

Em 1794, para as comemorações do nascimento da Princesa da Beira, os comerciantes da vila se ofereceram para mandar fabricar dois navios de madeira e representar duas óperas, como atesta o cronista Sequeira no seu *Compendio Historico Chronologico das Noticias do Cuyabá*.

“Apresentaram-se em câmara os comerciantes desta vila no dia 3 de novembro, oferecendo-se a um festejo público em demonstração do seu contentamento pelo mesmo motivo do nascimento da Senhora princesa da Beira, e aí unicamente concordaram que mandariam fabricar dois navios de madeira pintados e bem armados, dentro dos quais se fariam conduzir algumas danças, e fariam mais representar duas óperas no teatro que o senado mandava erigir.”²⁰

Não tendo sido possível aprontar os dois navios prometidos, eles fizeram apenas um, e, em substituição ao outro, uma fortaleza.

“Como os comerciantes destas Minas, pela falta de artífices, não puderam prontificar os dois navios que tinham oferecido para os aplausos da Sereníssima Senhora princesa da Beira, tomaram a resolução de fazer preparar um, e suprir a falta do outro com uma fortaleza, que fizeram erigir na praça desta vila, com quem (sic) houvesse de contender.”²¹

Os festejos foram realizados no início do ano seguinte de 1795.

“(...) e na tarde do dia 6, estando o povo junto na dita praça, pelas quatro horas entrou por ela aquela esperada embarcação armada em guerra com todos os preparativos próprios, cuja entrada lhe foi disputada pela fortaleza, disparando-lhe muitos tiros de peça, a que não correspondeu, procurando dar fundo defronte da fortaleza, o que fez muito airosamente; depois do que voltando um bordo lhe fez fortíssimo fogo, e logo passando ao outro desbaratou bastantemente a fortaleza, que se viu obrigada a investigar a causa daquele movimento, e sendo-lhe comunicada a gostosa e plausível ação que ali a levava, se deu a fortaleza por vencida, acompanhando os plausíveis festejos não só com bandeira de paz que logo levantou, como mesmo com vinte e um tiros que disparou em obséquio da Sereníssima Senhora princesa da Beira, fazendo o navio o mesmo.”²²

Depois do combate da nau com a fortaleza entra em cena mais uma representação de tema náutico: uma dança de rapazes que chegaram no bojo de uma baleia.

“Finda esta ação, apareceu sobre os mares em que estava a embarcação uma baleia, que abrindo a boca vomitou doze rapazes ricamente adereçados, que formando

²⁰ Joaquim da Costa Sequeira, *Compendio Historico Chronologico das Noticias do Cuyabá, Repartição da Capitania de Mato-Grosso*, p.27.

²¹ *Idem, ibidem*, p.28.

²² *Idem, ibidem*, p.29.

em terra uma bem ordenada dança, em que muito brilharam, deram aos espectadores excessivo gosto e satisfação; e finda a dança com despedidas ao povo, abrindo outra vez a boca a baleia, por ela se introduziram, e mergulhando esta se findou com a tarde a festa.”²³

Provavelmente os rapazes entraram em cena “vestidos à maruja”, como na mesma vila fizeram os participantes das festas de agosto de 1790:

“Apresentaram-se eles neste domingo, à tarde, em número de 12 figuras; os galãs vestidos à maruja, mas tudo de chita, maquedum e calças, com gravatas vermelhas, barretes também vermelhos guarnecidos ou estufados de branco, todos com cintas largas, vermelhas, de seda guarnecida de espiguihas.”²⁴

Livro recente de memórias das Festas do Divino Espírito Santo, especialmente dos anos de 1923 e 1930 prova que o combate do navio com a fortaleza, em Cuiabá, chegou ao século XX, e era o ápice das comemorações.

“O ponto culminante da festa era a queima de fogos, entre os quais se destacava o combate de um navio de guerra com uma fortaleza. O navio, o Aquidabã, era provido de pistolões apontados para a fortaleza; e esta, feita de papel, também possuía o seu armamento visando o navio. A luta cerrada de numerosos pistolões a troca de tiros por tantas bocas de fogo era realmente empolgante. A fortaleza levava a pior, se incendiava. A multidão batia palmas e se divertia”²⁵.

Rubens de Mendonça, referindo-se às cavalhadas, que ainda nas primeiras décadas do século XX eram “o remate das festas profanas que seguiam às religiosas do Espírito Santo”, descreve a batalha da fortaleza com os cavaleiros, em vez de com a nau.

“Tinha início o torneio pelo assalto a um castelo, de bambu e alvo morim, armado a um canto da praça; de lá era retirada uma menina e o castelo incendiado: era o rapto de Helena, a lenda tão magistralmente descrita pelo cantor da *Ilíada*. Do rapto de Helena, por um salto que só o teatro pode dar, passava-se a uma luta entre mouros e cristãos que assim se dividiam, a pista circular iam os cavaleiros, um a um, dois a dois, terçar golpes de lanças, espadas e disparos de pistolas que tornavam-se sobre quatro cabeças de massa espetadas em estacas simetricamente plantadas”²⁶.

Sílvio Romero no século XIX registrou, entre as manifestações folclóricas brasileiras, a *Chegança dos Mouros* e a *Chegança dos Marujos*. Esta última, de temática náutica, é também chamada pelos autores populares de – Fandango, Marujada, Marujos, Nau Catarineta ou Barca ²⁷.

²³ *Idem, ibidem*, p.29.

²⁴ *Crítica das Festas, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo*, v.IV, p.238. V. também Carlos Francisco Moura, *O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII*, p.63.

²⁵ Texto de Clóvis Corrêa da Costa, transcrito por Maria de Lourdes da Silva Ramos, *Relembrando os festejos do Senhor Divino*, p. 20.

²⁶ Rubens de Mendonça, *Roteiro Histórico & Sentimental da Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá*, p. 94.

²⁷ Beatriz G. Dantas, *Cheganças*, p. 3. *Cheganças de Mouros* ou simplesmente *Cheganças*, que muitas vezes incluem temática marítima são comuns nos estados do Nordeste: Bahia, Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte e Ceará (Beatriz G. Dantas, o.c. p.5). Levantamento feito em 1975 no estado de Sergipe revelou a existência de grupos de chegança nos seguintes municípios: Amparo do S. Francisco, Aquidabã, Barra dos Coqueiros, Brejo Grande, Carmópolis, Divina Pastora, Ilha das Flores, Itabaiana, Japarutuba, Lagarto, Laranjeiras, Neópolis, Riachuelo, Itabi, Maroim e Pacatuba (Beatriz G. Dantas, o.c., p. 29).

“O bailado dramático de inspiração marítima, conhecido genericamente como “Chegança dos Marujos”, recebe na Paraíba o nome de *Barca* ou *Nau Catarineta*, e apresenta particularidades que o distinguem do *Fandango*, da *Chegança*, da *Marujada* ou dos *Marujos* encontrados em outros pontos do país”²⁸.

Em 1910 um grupo de festeiros de Santa Rita levou a barca para Cabedelo. “A barca que o grupo trouxe no carro da Great Western tinha uns três metros de comprimento – tipo de uma barca mesmo: com mastro, velas e tal. Tinha rodas”²⁹.

Em 1912 e 1913 a barca usada na festa era maior, e percorreu várias ruas. Dentro dela iam o Capitão, a Saloia e o Piloto. Os outros oficiais e os marinheiros seguiam por terra, empurrando a barca³⁰.

Há descrições de outras barcas, com destaque para a de 1932. Foi construída por um estivador, João da Tonha – “ficou tão bem feita, tão completa – era feita de pano com o convés forrado de madeira; desenhada, as ondas quebrando no costado; as rodas mais possantes, com pneus”. Com todos os panos içados, e a oficialidade no convés, “o vento soprou e a barca andou (...) mais de um quilômetro”. “Foi um delírio! Um verdadeiro delírio!”³¹.

Os festeiros chegavam onde estava armada a *Fortaleza de Diu*, com um tablado onde o comandante subia ao aproximar-se a barca.

Grita o Gajeiro: a fortaleza está içando o sinal de guerra.

E o Capitão: “É a fortaleza de Diu. E é aí que deve estar presa a linda e loira Saloia da nau Boa Esperança”.

Manda uma embaixada intimando o Governador a render-se e a entregar a Saloia.

Não é atendido e trava-se a batalha, até que a fortaleza içe a bandeira branca, e o comandante é aprisionado³².

Beatriz G. Dantas, discorrendo sobre a Chegança no Nordeste do Brasil, diz que “é, às vezes, representada numa armação de madeira que figura um barco”³².

Mas, além de cenografia representando barcas, de barcas construídas para a festa, eram às vezes utilizadas barcas verdadeiras em lugares onde havia rios. Em Laranjeiras, Sergipe, a Chegança se inicia com os figurantes entrando a cantar numa barca que percorre pequeno trecho do rio, desembarcam e prosseguem com a representação³³.

Em Laranjeiras os festeiros vão à igreja fazer a louvação de N. Senhora do Rosário e de S. Benedito. Em Lagarto, no mesmo estado, os cantos de louvação aos santos e ao nascimento de Jesus são entoados diante da igreja. Em algumas cidades ribeirinhas do mesmo estado a Chegança se incorpora à festa do Bom Jesus dos Navegantes.

Nesta virada de milênio, quando o mundo começa a se preocupar com a preservação do patrimônio intangível, é da maior oportunidade a realização de um levantamento geral, em todo o Brasil, das tradições medievais portuguesas que perduram.

²⁸ Altimar de Alencar Pimentel, *Barca da Paraíba*, p.3.

²⁹ *Idem, ibidem*, p. 4.

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 5.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 5.

³² *Idem, ibidem*, p. 5.

³³ Beatriz G. Dantas, o.c., p. 6.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 11.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 29, n.3.

³⁶ *Idem, ibidem*, pp. 5/6.

Bibliografia

- BRAGA, Teófilo. *História do Teatro Português*, Imprensa Portuguesa-Editora, Porto, 1870.
- BRAGA, Teófilo. *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, v.II, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1986.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, 2ª ed. Cia. Editora Nacional, S. Paulo, 1939.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 4ª edição, revista e aumentada, Edições Melhoramentos, INL, S. Paulo, 1979.
- CIRLOT, Jean-Eduardo. *Dicionário de Símbolos*, Editorial Labor S.A., Barcelona, 1969.
- FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro*, v.1, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1921.
- DANTAS, Beatriz G. *Chegança*, Cadernos de Folclore, 14, MEC, FUNARTE, Companhia de Defesa do Folclore, Rio de Janeiro, 1976.
- FELGUEIRAS, Guilherme. *Teatro in A Arte Popular em Portugal*, direção de Fernando de Castro Pires de Lima, Editorial Verbo, 2ª v., s/d.
- GUIMARÃES, J. Ribeiro, *Sumário de Vária História*, v. IV, Lisboa, 1874.
- LEITE, Serafim, S.J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*, v.II, Livraria Portugália, Lisboa, 1938.
- MENDONÇA, Rubens de. *Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá*, Cuiabá, 1975.
- PIMENTEL, Altimar de Alencar. *Barca da Paraíba*, Cadernos de Folclore, 25, MEC, FUNARTE, Companhia de Defesa do Folclore, Rio de Janeiro, 1976.
- MOURA, Carlos Francisco. *A Festa do Imperador do Espírito Santo a Bordo das Naus Portuguesas no Século XVI, na Índia e no Brasil* (no prelo).
- MOURA, Carlos Francisco. *A Festa do Imperador do Espírito Santo, Comemorada a Bordo, Teria Chegado à América Espanhola?* (no prelo).
- MOURA, Carlos Francisco. *O Teatro em Goiás no Século XVIII*, separata da Revista da Universidade de Coimbra, v.XXXVII, Coimbra, 1992.
- MOURA, Carlos Francisco. *O Teatro em Mato Grosso no Século XVIII*, UFMT e SUDAM, Belém, 1976.
- MOURA, Carlos Francisco. *As Preciosas Redicolas Entremez Representado a Bordo da Nau Santa Ana – Carmo – S. Jorge em 1771*, Instituto Luso-Brasileiro de História, Liceu Literário Português, Liga dos Amigos do Museu Naval, Rio de Janeiro, 2001. (Caixa Postal 3064, CEP – 20001-970).
- MOURA, Carlos Francisco. *Teatro a Bordo de Naus Portuguesas nos Séculos XV, XVI, XVII e XVIII*, Instituto Luso-Brasileiro de História-Liceu Literário Português, Rio de Janeiro, 2000. (Caixa Postal 3064, CEP – 20001-970).
- PINA, Ruy de. *Chronica delrei Dom João II*, Lisboa, 1792.
- RAMOS, Maria de Lourdes da Silva. *Relembrando os Festejos do Senhor Divino*, Editora Árvore da Terra Ltda, S. Paulo, 2000.
- REBELLO, Luiz Francisco. *Dicionário do Teatro Português*, Prelo Editora, Lisboa, s.d.
- REBELLO, Luis Francisco. *História do Teatro Português*, 2ª edição, s.l., 1968.
- REBELLO, Luiz Francisco. *O Primitivo Teatro Português*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura Portuguesa, MEIC, Lisboa, 1977.
- RESENDE, Garcia de. *Chronica dos Valeosos, e Insignes Feitos del Rei Dom Ioam II de Gloriosa Memoria*, Real Officina da Universidade, (Coimbra), MDCCLXXXVIII.
- RESENDE, Garcia de. *Miscellanea. Variedade de Historias, Costumes, Casos, e Cousas que em seu tempo aconteceram*. Prefácio e notas de Mendes dos Remédios, França Amado Editor, Coimbra, 1917.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de. *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, v.2ª, Aillaud e Bertrand, Lisboa, 1930.

- SEQUEIRA, Joaquim da Costa. *Compendio Historico Chronologico das Noticias do Cuyabá, Repartição da Capitania de Mato-Grosso*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2^a série, t.VI, Rio de Janeiro, 1850.
- SIQUEIRA, Joaquim da Costa. *Chronicas do Cuyabá*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, v.IV, 1898-99.
- VICENTE, Gil. *Copilaçam de Todalas Obras de Gil Vicente*, Introdução e normatização do texto de Maria Leonor Carvalhão Buescu, v.I e v.II, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, 1984.